

## AS SENTENÇAS RELATIVAS COM NÚCLEO NOMINAL: ASPECTOS SEMÂNTICOS

Salete Valer<sup>1</sup>

**RESUMO:** Objetiva-se neste trabalho, inserido nos pressupostos teóricos Gerativistas, observar algumas características dos três tipos semânticos das sentenças relativas para que se possa compreender melhor as especificidades semânticas que envolvem essas construções. Para tanto, foram analisados os fundamentos teóricos de Grosu & Landman (1998), Grosu (2002), entre outros. De acordo com esses autores, a classificação das relativas em *restritivas* e *apositivas* é insuficiente para marcar a semântica dessas construções. Por essa razão, apresentam uma nova dicotomia, que toma por base se o núcleo nominal de um tipo de construção relativa é semanticamente construído “fora” ou “dentro” da estrutura do CP (elemento QU). Nessa dicotomia, tanto as *restritivas* como as *apositivas* pertencem à classe das relativas de tipo “externo” e, em consequência disso, justificam a existência de um terceiro tipo semântico para as relativas: as *maximalizadas* que seriam do tipo “interno”.

**PALAVRAS-CHAVE:** sentenças relativas; núcleo nominal; semântica.

**ABSTRACT:** *This generative-based research aims at observing some characteristics of the three semantic types of the relative sentences in order to comprehend the semantic specifications that are involved in these constructions. To do so, the theoretical fundamentals from Grosu & Landman (1998), Grosu (2002) were taken into account. In accordance with these authors, the classifications of the relatives in the restrictive and appositive sentences are not enough to mark the semantic of these constructions. For this, these authors present a new dichotomy that is based on the nominal nucleus of a sort of relative construction that is semantically constructed “outside” or “inside” of the CP structure (WH element). In this dichotomy, as the restrictive as the appositives belong to the class of the relatives from the “outside” type, and this justifies the existence of a third semantic type to the relative sentences – the maximalizers that would be the “inside” type.*

**KEYWORDS:** *relative sentences; nominal nucleus; semantics.*

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Doutoranda (UFSC)

As sentenças relativas no Português brasileiro (PB) podem ser construídas com um núcleo nominal como *pessoa* em (1), ou com uma expressão QU como *quem*, nas relativas livres (2):

(1) Eu encontrei a **pessoa** [que beijou Maria].

(2) Eu encontrei [**quem** beijou Maria].

Uma sentença relativa com núcleo nominal é uma sentença subordinada que é conectada à sentença matriz por um pronome Q ou por um *que*. O núcleo nominal relativizado (núcleo NR) é um constituinte compartilhado pela sentença matriz e pela sentença relativa. O núcleo NR atende aos requerimentos (papel temático e função sintática) tanto da sentença matriz quanto da sentença relativa. Além disso, as funções que ele assume na relativa são independentes e podem ser diferentes daquelas assumidas na sentença matriz. Ou seja, em (1), o núcleo NR *pessoa* assume o papel temático de tema e a função sintática de objeto direto do verbo *encontrar* na sentença matriz e, ao mesmo tempo, assume o papel temático de agente e função sintática de sujeito do verbo *beijar* na sentença relativa.

### 1.1. A semântica das construções relativas<sup>2</sup>.

As sentenças relativas com núcleo nominal, de acordo com (Grosu, (2002) e Grosu & Landman (1998), com base em Milsark (1974), Carlson (1977), Sells (1985; 1986), Heim (1987), Srivastav (1991), Postal (1994) e Bianchi (1999), têm três tipos semânticos: restritivas e apositivas e maximizadas). As restritivas e as apositivas têm a interpretação semântica fora do CP, enquanto que as maximizadas têm a interpretação dentro do CP, mais especificamente, na posição relativizada.

#### 1.1.1. Relativas restritivas

---

<sup>2</sup> Embora, neste trabalho nos deteremos somente na semântica das construções relativas, em alguns momentos poderemos nos reportar à sintaxe, mas somente para efeito de compreensão de alguma informação, pois, não será nosso foco aqui.

As sentenças restritivas restringem o significado do núcleo NR:

- (3) A professora falou com os alunos que passaram na prova de matemática.

Em (3), a relativa tem uma interpretação restritiva: dentro de certo domínio do discurso, uma sala de aula, por exemplo, a professora falou somente com o grupo de alunos que passaram na prova de matemática (e não com os que não passaram).

### **1.1.2. Relativa apositiva ou explicativa**

As relativas apositivas especificam o significado do núcleo NR:

- (4) A professora falou com os alunos, que passaram na prova de matemática.

A interpretação da sentença em (4), supõe que no universo do discurso existem apenas os alunos que passaram na prova de matemática e afirma que a professora falou com todos esses alunos.

### **1.1.3. Relativa maximalizada**

As relativas maximalizadas correspondem a uma operação de maximalização do núcleo NR:

- (5) A professora bebeu o leite que havia no copo.

A sentença (5) tem uma interpretação de maximalização se se supõe que no universo do discurso só existe leite no copo: a professora tomou todo o leite que havia no copo.

Nosso objetivo neste trabalho é apontarmos algumas características dos três tipos semânticos das construções relativas, com ênfase ao tipo semântico das maximalizadas. Para tal utilizaremos alguns estudos mais recentes encontrados na literatura internacional sobre as relativas com núcleo nominal como Grosu & Landman (1998), Grosu (2002), De Vries (2002) e

Bianchi (2000 2002). Iniciamos pela seção dois com pequeno histórico referente o estudo dos três tipos semânticos das construções relativas. Em três, faremos uma análise da relação entre os elementos que marcam o sentido dessas construções: o determinante externo, a sentença relativa e a característica da posição relativizada. Posteriormente apresentamos as considerações gerais.

## 2. Referencial teórico

A semântica das relativas está relacionada com a importância do material interno (sentença subordinada) ou externo (núcleo NR) da sentença matriz, interferindo, dessa forma, para o significado de toda a construção. Assim, o tipo de construção relativa equivale à semântica do núcleo nominal, ou seja, as construções relativas diversificam-se em relação a suas características semânticas.

Smith (1964 *apud* DE VRIES 2002) com os exemplos (6) e (7) do inglês mostrou que o determinante externo é o responsável pela seleção semântica da sentença relativa:

- (6) a. **The** book <sub>(,)</sub> which is about linguistics, is interesting [restritiva/explicativa].  
a'. O livro <sub>(,)</sub> o qual é sobre lingüística, é interessante [restritiva/explicativa].
- (7) a. **Any** book <sub>(\*,)</sub> which is about linguistics, is interesting [restritiva /\*explicativa].  
a'. Qualquer livro <sub>(\*,)</sub> que seja sobre lingüística, é interessante [restritiva /\*explicativa].

Em (6) o determinante externo (definido) *o* pode selecionar tanto uma relativa restritiva, quanto uma explicativa. Já em (7) o determinante externo (quantificador) *qualquer* só seleciona uma relativa restritiva.

Assim, a autora reconhecia que é o determinante externo que determina ou seleciona o tipo de sentença relativa (explicativa restritiva).

Grosu & Landman (1998) com base em Milsark (1974), Carlson (1977), Heim (1987), Srivastav (1991), Postal (1994) e Bianchi (1994) mostram que a tradicional dicotomia entre sentenças Restritivas e Apositivas (explicativas) para a semântica das Relativas é incompleta por

isso foi necessário que se desenvolvesse um terceiro tipo semântico para as relativas o qual foi denominado de relativas Maximalizadas.

De acordo com Grosu & Landman (1998:126), a ênfase tradicional nas construções das relativas Apositivas e Restritivas fornece um quadro um tanto distorcido da classificação das construções relativas. Por isso, uma classificação mais adequada seria em termos de relativas de “tipo interno” e “tipo externo”. Essa dicotomia tomaria por base se o núcleo nominal de um tipo de construção relativa é semanticamente construído como “fora” ou “dentro” da construção CP. Segundo os autores, o quadro tradicional sobre a semântica das relativas é distorcido, pois tanto as Restritivas como as Apositivas pertencem à classe das relativas de tipo “externo”. Assim, haveria um terceiro tipo semântico para as relativas: o tipo “interno”.

### **2.1. Orações Restritivas:**

De acordo com Bianchi (2002, p.197) sentenças restritivas “são interpretadas como modificadores intersectivos de um núcleo nominal e contribuem para determinar as restrições de um determinante”. Ou seja, restringe o significado do núcleo NR, como observamos na sentença (8) extraída de Vries (2002):

(8) Jill falou com os palestrantes que falharam no teste de didática.

Aqui a sentença diz que Jill falou somente com o grupo de palestrantes que falharam no teste, o que indica que sentenças relativas restritivas são interpretadas como modificadores intersectivos de um núcleo nominal, ou seja, há a intersecção entre o conjunto dos palestrantes e dos que falharam no teste de didática, por isso, contribui para determinar a restrição do determinante. Dessa forma, nessa construção relativa tanto o material interno, a sentença subordinada *que falharam no teste de didática*, quanto o material externo, núcleo nominal *os palestrantes* são fundamentais para a interpretação da sentença.

### **2.2. Apositiva ou explicativa:**

Uma sentença relativa é explicativa quando especifica o significado do núcleo NR. Bianchi (2002, p.197) acrescenta que “as relativas apositivas modificam todo o núcleo NR mais do que contribuem para sua restrição”:

(9) Jill falou com os palestrantes, que falharam no teste de didática.

Na sentença (9) *Jill* falou para todos os palestrantes no domínio do discurso, que a propósito falharam no teste. De acordo com De Vries (2002), nas apositivas há o conjunto designado pelo DP (conjunto dos palestrantes) e nele está contido o conjunto designado pela relativa (conjunto daqueles que falharam no teste de didática). Com isso, sentenças relativas semanticamente apositivas funcionam como modificadores de todo o núcleo NR mais do que contribuem para a sua restrição, por isso, nessa estrutura, o material externo, determinante mais núcleo nominal *os palestrantes* é mais importante do que o material interno, a sentença relativa *que falharam no teste de didática*.

### **2.3 Maximalizadora:**

A semântica de uma sentença relativa maximalizada transmite um sentido da gradação (*Degree relative*) do constituinte que está sendo relativizado. Seu sentido não se refere à restrição do material interno à relativa em relação ao material dessa relativa, nem à explicação referente ao material externo à sentença relativa. Ou seja, a relativa maximalizada não restringe e nem explica a sentença relativa como em (10):

(10) Jill derramou o leite que havia na caneca.

Nessa estrutura a semântica da oração subordinada refere-se mais a quantidade de leite que foi derramada do que ao fato de que havia leite na caneca, ou seja, Jill derramou todo o leite, fornecendo o sentido de uma operação de maximalização, embora essa operação não ocorra somente com nominais do tipo massa como veremos abaixo. Na estrutura relativa semanticamente maximalizada o material interno *que havia na caneca* é mais importante do que

o externo *leite*, isso porque ele determina o material externo se ele estiver presente. O núcleo nominal é interpretado dentro da sentença relativa, local em que uma determinada variável aponta ou determina a gradação do núcleo que está fora da relativa, ou seja, uma operação de maximalização é aplicada na sentença relativa. O grupo semântico de maximalizadores subdivide-se em: gradação de quantidade, gradação de substância, gradação de eventos entre outros, como veremos abaixo.

### 3. Análise

Nesta seção observaremos algumas características pertinentes a cada um dos tipos semânticos e sua relação com determinante externo, à forma do pronome relativo e a posição relativizada.

#### 3.1. Apositivas *versus* Restritivas

A diferença semântica entre as relativas apositivas e restritivas está na forma com que o determinante externo e núcleo NR se combinam para se relacionarem com a expressão *relativa*. Para Grosu (2002, p.146), nas apositivas, a sentença relativa forma um constituinte com todo o DP, enquanto que nas relativas restritivas a sentença relativa forma um constituinte apenas com o núcleo nominal como mostram as sentenças (11-13).

- (11) a. João, *que* trabalha na empresa, é meu primo. (apositiva).  
b. João tem três ovelhas, *as quais* Maria alimenta /*que* Maria alimenta (elas) (apositiva).  
c. Um tutor registrará cada aluno, *que/o qual* é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente. (apositiva).

O grupo de sentenças acima mostra, primeiramente, que no PB<sup>3</sup> a relativização nas apositivas pode ocorrer com o constituinte *que* ou com o pronome relativo, enquanto que no inglês essas construções relativizam-se necessariamente com o pronome relativo.

Em segundo lugar, as construções relativas apositivas podem se estruturar com uma variedade de relações entre o DP e operador relativo. De acordo com Grosu (2002, p.145), em (11a) o pronome relativo em PB *que* é co-referente do DP *João*; em (11b) o pronome relativo é uma anáfora do tipo anáfora-E (do tipo Evans) em que cada variável individual presente no operador relativo retoma um referente do DP *três ovelhas* (Para cada ovelha que João tem é o caso que Maria alimenta ela). Em (11c), o operador relativo é também uma anáfora-E (Evans) que Sells (1985, 1986) denominou de *cospecification*<sup>4</sup> (Tem um tutor y tal que para todo x aluno, y registrará x & x leva documentos de x para o chefe pontualmente). Se esse DP estruturado com um quantificador universal estiver em contexto de subordinação de modal, o pronome Wh será uma anáfora, por isso terá uma leitura apositiva. Caso esse DP não esteja nesse contexto, como (12), o pronome relativo assume a semântica de restrição (12b).

- (12) a. *\*Todo estudante*, [que] frequentou meu curso, submeteu-se a um trabalho semestral.  
(apositiva).
- b. *Todo estudante* [que] frequentou meu curso submeteu-se a um trabalho semestral.  
(restritiva).

O paralelismo entre as construções relativas (11) e as construções no discurso (13) traz evidências de que a expressão Wh, nas apositivas, assume uma relação anafórica com o DP na sentença matriz.

---

<sup>3</sup> Relativas apositivas no inglês:

a. *John, who/\*that* works for the Cia, is my cousin.

b. John owns *three sheep, which/\*that* Mary feeds.

c. A tutor will register *each student, who/\*that* is then responsible for getting his paper to the Dean's office on time.

<sup>4</sup> De acordo com Pires de Oliveira (conversa pessoal) nessa anáfora-E, a segunda ocorrência da variável x não está vinculada ao quantificador *each*, porque o sintagma antecedente é quantificado (logo não é referencial).

- (13) a. *João é meu primo. Ele trabalha na empresa.*  
b. *João tem três ovelhas. Maria as alimenta.*  
c. *Um tutor registrará cada aluno. Ele é então responsável por levar seu documento ao escritório do chefe pontualmente. (apositiva).*  
d. *\*Todo estudante submeteu-se a um trabalho semestral. Ele frequentou meu curso*

Com base nas evidências acima propostas por Sells (1985, 1986), Grosu (2002, p.146) propõe que nas afirmativas, o DP seja um “antecedente” da expressão Wh, ou seja, aqui, a relação de indexação entre o DP e a expressão Wh acontece no discurso. Sendo assim, como a expressão Wh não é c-comandada pelo DP antecedente, essa expressão Wh é uma variável livre.

Nas construções restritivas, o núcleo NR não seria um antecedente da expressão Wh, ou da variável interna com a qual ele está indexado. Nessas construções, o núcleo NR refere-se a um conjunto que intersecta com o conjunto designado pela sentença relativa. Ao mesmo tempo, “esse núcleo NR restringe semanticamente uma variável (Wh) que termina vinculada por um determinante que vincula outro índice da mesma variável (ec) dentro da sentença relativa” (GROSU 2002, P.146). Ou seja, nas restritivas a relação entre o núcleo NR e a expressão Wh corresponde a uma vinculação sintática, pois a variável além de ter o mesmo índice do núcleo NR, é c-comandada por esse constituinte. Essa vinculação sintática ocorre também com as relativas maximalizadas.

### 3.2. Relativas Maximalizadas

As relativas maximalizadas (14) marcam uma operação de maximalização dentro da sentença relativa em decorrência da semântica do determinante externo, do tipo do operador relativo e da posição relativizada, conforme (14)).

- (14) a. *I took with me the three books that there were ec on the table*  
a'. *Eu trouxe comigo os três livros [que/\*os quais havia em cima da mesa].*

A construção em (14b) mostra que, se a sentença relativa contém uma sentença existencial impessoal e a lacuna da relativização está em uma posição que é aberta ao efeito de definitude (não aceita um pronome resumptivo mais definido), a relativização ocorre com o item lexical<sup>5</sup> *que*, mas não com o item lexical *o qual*.

Assim, uma construção relativa com uma semântica de maximalização difere da semântica de uma construção relativa restritiva em termos de interpretação de conjuntos, como em (15).

- (15) a. I took with me the three books which were *ec* on the table  
a'. Eu trouxe comigo *os três livros* [que/os quais *estavam* em cima da mesa].

A relativa Restritiva é interpretada como um conjunto de indivíduos, em que ocorre uma intersecção entre o núcleo NR e a sentença relativa (conjunto de livros  $\cap$  conjunto dos livros que estão em cima da mesa). Ao invés disso, a relativa maximalizada tem um tipo diferente de denotação: um conjunto de gradação. O ponto crucial na interpretação semântica da relativa maximalizada em (14) é a expressão de gradação nula *d muitos livros* que está acessível dentro da relativa. O núcleo nominal *livros* já está interpretado semanticamente na posição mais baixa dentro da sentença relativa. Esse fato deve ser entendido como “o conjunto de todas as gradações (d) tal que existe uma soma (quantidade) de *d muitos livros* em cima da mesa” (GROSU & LANDMAN, 1998, p.128, tradução nossa). Esse núcleo nominal assume um papel de classe ou tipo (a classe dos livros) dentro da relativa.

Além da operação de maximalização de quantidade, a expressão *d muitos* pode referir-se também a uma operação de maximalização de substância (16) ou de eventos como em (17):

- (16) Vamos demorar o resto de nossas vidas para bebermos o *champagne* \*o qual/que eles derramaram naquela manhã].

- (17) Toda hora \*a qual/ que a campainha tocava eu abria a porta.

---

<sup>5</sup> Nas construções relativas maximalizadas do inglês a relativização ocorre somente com o complementador *that*, como no PB só ocorre com o constituinte *que*.

Nas estruturas acima o núcleo NR *champagne/hora* respectivamente são interpretados internamente ao CP e, por isso, na posição interna, aparece uma classe de gradação em que ocorre uma operação de maximalização.

De acordo Grosu & Landman (1998), na teoria de Carlson (1977) e Heim (1987) as construções *degree* (de grau) interagem com toda a sentença da mesma forma que as construções comparativas o fazem. Assim, para Heim (1987), a construção (18) permite somente uma leitura de identidade de quantidade, mas não uma leitura de identidade de substância.

- (18) a. Nós levaremos o resto de nossas vidas para bebermos o *champagne* [que eles derramaram *ec* naquela tarde].  
b. [Nós levaremos o resto de nossas vidas para bebermos tanto *champagne* quanto eles derramaram *ec* naquela tarde].

De acordo com Heim (apud GROSU & LANDMAN 1998), a construção (18a) pode ter tanto uma leitura restritiva quanto de grau. Se for de gradação, ela terá uma leitura de identidade de quantidade. Mas de acordo com Grosu & Landman (1998, p.133), essa análise precisa ser modificada tendo em vista que na construção (18a) o núcleo nominal *champagne* é interpretado internamente e estabelece uma classe de gradação nessa posição como pode ser observado pela agramaticalidade da construção em (19a).

- (19) a. \*Nós levaremos o resto de nossas vidas para bebermos o *champagne* [que eles derramaram *cerveja* naquela tarde].  
b. Nós levaremos o resto de nossas vidas para bebermos tanto *champagne* [quanto eles derramaram *cerveja* naquela tarde].

A agramaticalidade de (19a) revela que o núcleo nominal aparece como uma classe dentro da expressão de gradação interna à sentença relativa e é alçado à posição de núcleo nominal externo. Isso significa que nenhuma outra classe pode ser especificada internamente à relativa, e nenhum outro núcleo nominal pode estar na posição do núcleo externo.

De acordo com Grosu & Landman, o problema real encontrado na análise de Carlson e Heim é que eles prevêem que uma sentença de gradação possa somente apresentar uma identidade de leitura de quantidade e não outras leituras. Por isso, ainda de acordo com Grosu & Landman, a sentença (20) não pode ter uma leitura de quantidade, nem pode ser uma restritiva, tendo em vista que estruturas com contextos *there* só podem ter uma leitura de gradação.

- (20) a. I took with me every book that there was on the table.  
a'. Eu trouxe comigo todo livro que havia *ec* em cima da mesa.

De acordo com os autores acima, para a sentença (20) estruturada com *todo livro que havia sobre a mesa*, a única leitura possível é a de identidade de substância. Ou seja, no domínio do discurso o sentido não pode ser o de que eu peguei da biblioteca tantos livros quanto os livros que havia sobre a mesa da sala, por exemplo. Ao invés disso, significa que eu peguei aqueles livros que realmente estão sobre a mesa da sala, ou seja, a interpretação é a de que eu peguei os livros a, b, c e d. Mas, se a sentença (20) estiver estruturada com a relativa *books that there were on the table* (*livros que havia em cima da mesa*), a interpretação não pode ser de identidade de substância, mas sim a de identidade de quantidade como {1, 2, 3,4}. Essas divergências na interpretação ocorre pelo fato de que o conceito clássico de *função de gradação* tem uma operação de identidade de quantidade ou leitura de números, pois, essa é a denotação que as relativas de gradação contêm. O problema aqui, é que, com base nesse conceito clássico de gradação, de um conjunto de números não é possível ver a que se refere esses números, ou seja, de um conjunto de números não se pode reconstruir o conjunto da soma real de indivíduos aos quais se referem esses números.

Assim, a função clássica *degree* mapeia um individual plural em um número, sua cardinalidade. Mas uma noção mais rica do sentido de *gradação* deve também demonstrar de que

uma gradação é gradação, ou seja, identificar o tipo de referente. Por isso, essa função consiste de uma representação tríplice como representado em (21).

(21) Para todo individual plural  $x$ :  $DEGREE_p(x) = \langle x, P, x \rangle$ .

Assim, a degree  $\langle 3, BOOKS, X \rangle$  ( $\langle |x|, P, x \rangle$ ) consiste de um valor de medida (3), o domínio da medida (BOOKS) e o objeto medido ( $x$ ). A inclusão da *classe* na representação da gradação é importante tendo em vista que gradações são gradações em algum domínio de medida, que é restringido por uma *classe* específica. Assim, a *classe* na gradação é usada para construir a leitura de identidade de quantidade representada de forma tríplice ( $\langle x, P, |x| \rangle$ ), tal como ocorre em sentenças como em (14), tendo em vista que numerais não indicam a que classe pertencem. Já em sentenças como (20), com leitura de identidade de substância, não há necessidade de que a classe esteja explicitada, por isso, a estrutura é representada por  $\langle x, |x| \rangle$ .

De acordo com Carlson (1977 *apud* GROSU & LANDMAN 1998:136) estruturas *degree* só podem ocorrer com determinantes universais, com definidos e partitivos como em (22).

- (22) a. Eu trouxe comigo todo livro (todos os livros) / quaisquer livros/ os livros/ os três livros/ três dos livros que havia *ec* em cima da mesa.
- b. \* Eu trouxe comigo? três livros/ ?alguns livros/muitos livros/ poucos livros/ nenhum livro que havia *ec* em cima da mesa.

Os autores colocam que os fatos apontados em (14-15) não têm correspondência nas línguas que não têm a distinção entre operadores *that e which*, enquanto que os fatos acima em (22) podem ser facilmente percebidos nas construções relativas das diversas línguas. Dessa forma, o ponto crucial da análise das relativas *degree*, no nível CP, é que nessas relativas ocorre uma operação de maximalização. Em termos gerais, nas relativas de gradação, o conjunto de gradações denotado por essa relativa é somente viável pela interação com outra operação semântica: uma operação de maximalização de gradação que tenha sido aplicada a esse conjunto. Ou seja, nas

relativas de gradação, no nível CP, ocorre uma operação de maximalização, em que se define como máxima a gradação do núcleo nominal que está fora da relativa.

Outra característica das relativas com expressão de gradação, de acordo com Carlson (1977 *apud* GROSU & LANDMAN 1998:148), é que essas relativas, diferentemente das relativas restritivas, não aceitam o acúmulo de sentenças relativas como em (23):

- (23) a. \* O único navegador que havia *ec* no barco que tinha estado na ilha morreu *ec<sub>i</sub>* na explosão.  
b. O único navegador que estava *ec* no barco que tinha estado na ilha morreu *ec<sub>i</sub>* na explosão.

Na relativa de gradação (23 a) o núcleo nominal *navegador* é interpretado dentro da sentença relativa *que havia ec no barco*. Ou seja, *navegador* não está externo a sentença relativa. Isso significa de acordo com os autores, que o núcleo nominal das relativas com expressão de gradação não pode ter esta relação de interpretação interna para mais de uma sentença relativa. Além disso, visto que a maximalização cria um conjunto único, a intersecção de duas sentenças relativas fica sem sentido, por isso é esperado que relativas de gradação não acumulem mais de uma oração relativa.

#### 4. Considerações Gerais.

As colocações acima mostram que a semântica das construções relativas está diretamente relacionada aos elementos envolvidos nessa construção: determinante externo, tipo de operador relativo e a característica da posição relativizada. Assim, além da dicotomia tradicional *restritivas* e *apositivas* para a semântica das relativas, apresentamos o tipo semântico *maximalizadas*. Esse tipo semântico tem como característica principal a interpretação do núcleo nominal dentro da sentença encaixada, ou seja, da sentença relativa e, especialmente, por apresentarem contexto *there*. Esse contexto é adequado para variáveis indefinidas, eliminando, dessa forma, o uso de pronomes resumptivos. Dessa forma, nos contextos *there*, a relação dos elementos que envolvem

a relativização fazem com que ocorra dentro da sentença relativa a gradação do núcleo nominal promovendo uma operação de maximalização desse núcleo.

### Referências Bibliográficas

BIANCHI, V.. *Consequences of antisymmetry: headed relative clauses*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1999. 357 p.

\_\_\_\_\_. *Headed relative clauses in generative syntax – Part I*: Glot International Vol. 6, No. 7, September 2002a p. 197-204.

\_\_\_\_\_. *Headed relative clauses in generative syntax – Part II*: Glot International Vol. 6, No. 8, October. 2002b. P.197-204.

BORSLEY, R. D. *Relative clauses and Theory of Phrase structure*. Linguistic Inquiry. V. 28. N.4. 1997. p.629-647.

DE VRIES, Marc. *The Syntax of Relativization*. Netherlands: LOT, 2002.

GROU, A. & LANDMAN F.. *Strange Relatives of the third kind*. Natural Language Semantics 6. 1998. p.125-170.

GROU, A.. *Strange relatives at the interface of two millennia*. Glot International Vol. 6, N. 6. Junho 2002, p.145-167.

SELLS, P.. *Restrictive e Non-restrictive modification*. Report#CSLI-85-28. Stanford:Stanford University. 1985.

SELLS, P.. *Coreference and bound anaphora: a restatement of the facts*. Proceedings of the 16<sup>th</sup> Conference of the Northeast Linguistic Society [NELS 16], 434-46. McGill University. 1986.